

O SOBE E DESCE SOTEROPOLITANO: ESTUDO TOPONÍMICO DAS LADEIRAS DO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DO SALVADOR

*Going up and down in Salvador city: a toponymic study of its historical
center slopes*

*Marta Maria Gomes**

*Celina Márcia de Souza Abbade***

RESUMO: Através da Toponímia, estuda-se a estreita relação entre o homem e os lugares por ele ocupado, analisando, entre outras, a ligação entre língua, cultura, sociedade e natureza, manifestada no processo de nomeação de logradouros. O estudo dos topos tem se tornado de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo ou mesmo de uma região, permitindo que se identifiquem fatos linguísticos, ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, a conservação ou não desses valores numa dada comunidade. No tocante a cidade do Salvador pretende-se estabelecer novas formas de relacionar os topônimos com a história da cidade, enquanto elemento fundamental na construção da trama histórica, levando a reflexão sobre a atuação dos moradores no seu espaço geográfico. Neste trabalho, os topônimos escolhidos para o levantamento são os que designam as ladeiras, que entrecortam quase todos os cantos dessa cidade que se divide em alta e baixa.

Palavras-Chave: Onomástica; Toponímia; Salvador; Ladeiras; História.

ABSTRACT: *Through Toponymy we can study the close relationship between man and the places he occupies, and analyze the relationship among language, culture and nature expressed in place naming process. The study of the topos has become of great importance to the knowledge of historical and cultural aspects of a people or a region, as it allows that linguistic facts, ideologies and beliefs present in a denominative act can be identified and, subsequently, kept or not in a given community. Regarding to the city of Salvador, it is intended to set new ways of relating its history to its place names, considering them as a fundamental element for the construction of the historical plot, leading to a reflection on the performance of its residents in their geographical space. In this paper, the place names chosen for the survey are those that designate Salvador slopes, present on almost every corner of a city that is divided into high city and low city.*

Keywords: *Onomastics; Toponymy; Salvador; Slopes; History.*

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia- PPGEL/UNEB, Salvador, Bahia, Brasil; gomes.marta@uol.com.br.

** Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, Bahia, Brasil; celinabbade@gmail.com.

Introdução

Este trabalho é fruto da pesquisa em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas, Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como objetivo relacionar os topônimos que designam as ladeiras da cidade de Salvador com a sua história. Para tanto fez-se um recorte da toponímia urbana, especificamente os nomes das ladeiras situadas no centro histórico da cidade de Salvador. A nomeação das ladeiras utilizadas pela população soteropolitana no início da construção da cidade demonstram como o estudo dos topônimos e das informações que deles podem ser extraídas revelam importantes características do processo de formação da cidade. Buscou-se, ainda, analisar como os nomes são importantes para o resgate da memória e identidade de um povo.

Primeiramente, faz-se necessário trazer a noção de toponímia, seguida de informações históricas sobre a cidade. A análise dos dados coletados vem a seguir, com a tipologia, a classificação e a discussão a respeito dos nomes oficiais das ladeiras selecionadas.

O costume de batizar lugares compõe o hábito do homem desde os primórdios da civilização humana. Tem-se como exemplo, um dos livros da Bíblia, o Gênesis, que narra a criação do mundo e a história do povo hebreu, na qual o homem nomeou todos os seres que Deus lhe apresentou. Esse exercício assegura a orientação espacial e geográfica e, em alguns casos, a demarcação de posse do sujeito nomeador.

No Brasil os estudos toponímicos iniciaram-se com as pesquisas do professor Carlos Drummond (1965), com o trabalho “Contribuição do Bororo à Toponímia Brasília”. O projeto teve sequência sob a coordenação de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, propondo investigações sobre a toponímia da cidade de São Paulo, que, posteriormente, levaram ao início do Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB).

Dentre os assuntos que podemos englobar sob a rubrica geral de “estudos brasileiros”, um dos mais negligenciados tem sido, sem dúvida alguma, o referente aos nomes de lugares ou de acidentes geográficos. Oferecendo manancial riquíssimo e praticamente inexaurível, composto de vultosa série de nomes das mais diversas origens, é de se estranhar o pouco ou nenhum interesse que este ramo

do saber tem despertado entre os nossos estudiosos. (DRUMOND, 1965, p. 13).

Atualmente a forma de “dar nomes” é a mesma, pois tudo que surge vai sendo nomeado e tendo existência comprovada. Biderman (2001, p. 13) afirma que o léxico está estritamente relacionado ao processo de nomeação e à forma como concebemos ou entendemos a realidade. Em vista disso, o léxico de uma língua tem como função principal designar aquilo que se conhece no/do universo, pois, “ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano.

Ao se estabelecer em um espaço físico-geográfico ou se tomar posse de um determinado local, o homem precisa nomeá-lo para garantir a localização espacial e identidade comunitária. Dessa forma, por meio da Toponímia, ramo de conhecimento da Onomástica, se pode analisar a estreita relação que existe entre o homem e os lugares que marcam o espaço que ele ocupa, isto é, pode-se analisar, entre outras coisas, a relação que há entre língua, cultura, sociedade e natureza, manifestadas no processo de nomeação de logradouros.

O estudo da Toponímia, como é concebido, representa mais do que a busca etimológica da origem dos nomes inscritos em um determinado código linguístico, principalmente quando se procura parâmetros para uma abordagem contrastiva. Pesquisas voltadas a essa meta costumam apresentar dificuldades mais do que certezas. Implicam não apenas no conhecimento do meio em que os designativos se constroem, mas, muitas vezes, no conhecimento do meio próximo ou vizinho. Assim, a nomeação adquire uma função muito mais ampla, pois o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato de batismo de um lugar, motivado. Desta forma pode-se afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (DICK, 1990, p. 38).

O processo de nomeação dos logradouros não é feito de forma casual, já que o nomeador representa, nos topônimos, os elementos que deseja simbolizar, homenagear, perpetuar, memorizar. No primeiro momento dessa atividade, o ato é espontâneo, obedece-se às circunstâncias do tempo presente, mas, quando esse lugar adquire *status* de município, cidade, vila ou bairro, o nome, quando não é mudado, deve se adequar às normas toponímicas estabelecidas por órgãos oficiais, que podem ir da mais alta

instância nacional, como é o caso do Governo Federal, à instância local, a exemplo do Governo Estadual e Municipal (MATOS, 2014, p. 15).

O estudo dos topos (lugares), objeto da Toponímia, tem se tornado de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo ou de uma região, pois permite que se identifiquem fatos linguísticos, ideologias e crenças presentes no ato denominativo e, posteriormente, a conservação ou não desses valores numa dada comunidade. Assim, o nome atribuído a um lugar ou a um acidente geográfico pode ser um componente que revele tendências sociais, políticas ou religiosas dos colonizadores e da época em que a nomeação ocorreu.

A Onomástica, como parte do sistema comunicativo, terá condições de fixar ou retratar, de modo direto, os elementos indiciais prioritários da comunidade que analisa. Do ponto de vista da formação gramatical, o topônimo não pode ser considerado apenas como uma unidade léxica genérica porque recobre funções sintagmáticas, de verdadeiros enunciados modais.

Segundo Dick (1990), o topônimo é o vínculo existente entre o objeto denominado e o denominador, pois é a partir desse produto gerado que será possível recuperar as motivações semânticas que influenciaram o homem no ato da nomeação, já que suas percepções ficam registradas nos elementos linguísticos que constituem o topônimo.

Partindo desse pressuposto, Dick estabeleceu um quadro taxonômico que apresenta classificações possíveis de enquadrar os topônimos brasileiros, baseando-se em motivações físicas (aspectos geográficos) e antropoculturais (referentes ao meio social, cultural ou a aspectos psíquicos). A autora, percebendo a necessidade de uma terminologia científica que abrangesse a nomenclatura da geografia do Brasil, publicou, em 1975, um primeiro modelo taxonômico com dezenove taxes (DICK, 1990) e, em 1992, diante da necessidade de ampliar o sistema classificatório dos topônimos brasileiros, o quadro ganhou mais oito taxes, chegando ao total de vinte e sete.

Os estudos com base no quadro taxonômico visam a uma análise sincrônica, dispensando um retorno histórico para que a significação da denominação seja alcançada. As verificações semânticas são feitas com base no material linguístico, o que

em muito favorece as pesquisas toponímicas, pois dispensa a presença do denominador, o que nem sempre é possível, não só pelo distanciamento cronológico do ato da nomeação até o período da análise, como também pela dificuldade em realizar uma tarefa investigativa, *in loco*, quando se trata de uma área de pesquisa muito ampla, como no caso da formulação dos atlas toponímicos (ALMEIDA, 2013, p. 60).

Os topônimos, neste trabalho, constituídos pelos nomes das ladeiras de Salvador, são exemplos que dão pistas do processo motivador de nomeação do signo, no sistema denominador, inclusive na própria estrutura, caracterizando o objeto nomeado. Desta forma estabelece-se novas formas de relacionar os topônimos com a história da cidade, não como um palco para o desenrolar dos acontecimentos, e sim como elemento fundamental para a construção da trama histórica, levando à reflexão sobre a atuação dos moradores no seu espaço geográfico.

Na pesquisa em tela não se enfoca Salvador pelo viés dos seus lugares instituídos, mas a partir dos significados atribuídos aos territórios urbanos. Nesta investigação, os topônimos escolhidos para o levantamento são aqueles que designam as primeiras ladeiras, acidentes tão comuns nessa cidade, que, desde a sua formação, se divide em cidade alta e cidade baixa; logo, entrecortada por ladeiras em quase todos os cantos.

1 A cidade Fortaleza: um pouco de história

*As ruas é que punham outrora a si próprias os seus nomes.
(Afrânio Peixoto)*

Recém-saído da Idade Média, Portugal via-se motivado, por diversas circunstâncias, a buscar além-mar espaço territorial e riquezas. Os legítimos representantes do reino levaram para as suas colônias, inclusive a do Brasil, costumes feudais e hábitos profundamente católicos, que se refletiam nas divisões de classes sociais e no ordenamento urbano, construído quase sempre no entorno de edificações religiosas (DOREA, 2006, p. 275).

Thomé de Souza, primeiro governador geral, fundou Salvador em 1549, e trouxe de Portugal, ordens expressas do rei para construir uma “cidade fortaleza”. Essa medida

impediria a invasão dos corsários que vinham retirar as riquezas naturais da então colônia portuguesa. Sua organização assemelha-se às cidades de Porto e Lisboa (Portugal), com forte caráter defensivo, próprio ao século XVII. Primeira cidade fundada no Brasil, Salvador, teve, desde o início, a missão de ser polo de colonização da América Portuguesa e o polo econômico da cana-de-açúcar e do tabaco. Sediou o Governo Geral até 1763, quando a capital da Colônia foi transferida para o Rio de Janeiro. Foi escolhida como a primeira sede de governo devido à excelente localização geográfica e estratégica posição econômica, como principal porto de carga e descarga de mercadorias de todo o Nordeste.

A preocupação da metrópole objetiva a solidificação da conquista e a promoção da colonização das terras brasileiras, fazendo com que, dessa forma, a construção de uma cidade fortalecida fosse vista como um fator essencial para a implementação dessa nova fase da conquista.

A construção inicial da fortaleza era composta por uma cerca de estacas, em seguida circulada por uma muralha de taipa e barro, com dois baluartes voltados para o mar e quatro para o interior, todos artilhados, equipamentos considerados suficientes para resistir, num primeiro momento, às armas dos indígenas. Com o passar do tempo essa defesa foi substituída por pedra e cal, ganhando baluartes na parte do mar, nas torres e nas portas.

A fortaleza poderia ser batizada de cidade de Jesus em honra ao filho de Deus. Mas o rei D. João preferiu nomeá-la de Salvador, aquele que salva. É possível afirmar que o objetivo da nomeação foi a necessidade de difusão da igreja católica, então fragilizada pela expansão luterana e calvinista.

Segundo Coelho Filho (2004, p. 101) a fortaleza seria a casa de Deus. Entretanto, cada igreja teria a proteção e guarda da mãe, Nossa Senhora. Os baluartes pertenciam aos santos guerreiros e missionários: São Tiago, São Jorge e São Tomé, todos masculinos; no entanto a única porta conhecida foi batizada com nome feminino: Santa Catarina. As Igrejas de Ajuda, nome que revela desejo de apoio, e Conceição, padroeira de Portugal, foram as primeiras, manifestando a relação dos portugueses com a proteção materna.

Os baluartes e as estâncias receberam nomes de santos associados às lutas e conquistas, revelando uma relação direta com o momento histórico vivido por Portugal e o empenho da coroa com a manutenção da fé católica, fragilizada pela expansão de correntes protestantes.

Os nomes escolhidos revelam a necessidade dos portugueses de afirmarem e expandirem a religião católica pelo mundo. A empreitada era econômica, política e religiosa, esse último aspecto não pode ser desprezado (COELHO FILHO 2004, p. 105).

Observa-se algo de comum na nomeação, o simbolismo religioso dos nomes escolhidos. Tudo estava associado a espíritos guerreiros e missionários, sintetizando a ideia de união em torno do projeto de expansão católica da coroa portuguesa.

Dórea (2006, p. 275) acrescenta que, no primitivo sítio da Cidade do Salvador, localizado em áreas nomeadas a partir da presença de alguma construção, pertencente a uma das muitas ordens religiosas que se instalaram dentro dos seus limites, havia ruas batizadas a partir de uma única profissão, que era a mesma exercida por todas as pessoas que ali moravam. Um costume tipicamente medieval.

Dessa forma, pode-se afirmar que a toponímia de uma cidade está diretamente relacionada à sua constituição inicial, enquanto aglomerado urbano, e estudar estas relações, reconhecer suas manifestações e mudanças com o passar do tempo pode contradizer a ideia de que o signo toponímico é empírico e arbitrário, podendo revelar muito de uma época.

Segundo Tavares (1974, p. 93), Salvador foi a primeira cidade realmente fundada como cidade no Brasil. Antes de 1549, existiam vilas criadas pelos donatários das capitanias hereditárias ao longo da costa brasileira.

Em sua dupla condição de cidade-fortaleza, centro administrativo e entreposto comercial, Salvador cresceu em dois planos: na cidade baixa, o bairro da praia, com ribeira das Naus e as casas do comércio; na parte alta, os bairros de S. Bento (incluindo Sé), Palma, Desterro, Saúde e Santo Antônio Além-do-Carmo (TAVARES, 1974, p. 95).

A cidade do Salvador, a mais antiga capital do país, foi fundada sob o símbolo militar dos fortes, tendo em vista o controle do território pelos colonizadores portugueses. O critério militar era estrategicamente defensivo. Teve, desde o início, a

missão de ser polo de colonização da América Portuguesa e polo econômico da cana-de-açúcar e do tabaco. Sediou o governo geral até 1763, quando a capital da Colônia foi transferida para o Rio de Janeiro.

Imagem 1: Mapa da cidade do Salvador, na primeira metade do século 17.



Fonte: Reprodução do Blog “O Guardador de Estrelas”

Do alto, hoje nomeado como Cidade Alta, semelhante a um mirante, era possível a observação permanente da entrada da Baía de Todos os Santos, com finalidade de precaver e dificultar o acesso de invasores ao “centro” da cidade, também com caráter logístico.

A divisão da cidade em dois planos deve-se à existência de um despenhadeiro, relativo a uma falha geológica de Salvador, fato que possibilitou a divisão da cidade em dois planos e, a um só tempo, repartiria as atividades: no alto, a Cidade Alta se consolidaria em local de moradia, de comércio a varejo e das atividades político administrativas. No declive da encosta, a Cidade Baixa, era onde se desenvolviam os locais de trabalho, do comércio por atacado e das intensas atividades portuárias.

Desobedecendo aos princípios comuns do urbanismo das cidades construídas somente em superfícies planas, a Bahia fôra edificada sobre montanhas, vales e baixios, fato que concorreu para se lhe surgirem aspectos singulares, sendo por isso a cidade mais original do Brasil. A capital apresenta três planos, o baixo, o alto e o médio, sendo conhecida pela cidade dos três andares. Os três planos formam outras tantas cidades, possuindo comércio e vida próprios e se comunicam por ladeiras, arcos, viadutos, ruas e avenidas (TORRES 1950, p.12).

Ao longo do seu desenvolvimento e expansão demográfica, ocorreria a ocupação das áreas da própria escarpa, principal elo entre as áreas alta e baixa. Tal separação geomorfológica, contudo, implicaria em um impedimento à articulação entre os dois

níveis, com contratempos à mobilidade da população e, em particular, à elite que residia na parte alta da cidade, mas mantinha atividades empresariais na parte baixa.

Era evidente a necessidade de criar meios de comunicação e deslocamento entre as autoridades governamentais, que ocupavam a cidade alta, e as atividades comerciais, abaixo da montanha, bem como a criação de transporte para os mais variados tipos de mercadorias que chegavam ao porto, ou nele seriam embarcadas.

Para resolver o problema do desnível conferido pela geomorfologia do terreno, foram construídos pelos jesuítas os primeiros guindastes (que se tornariam os planos inclinados), movidos, então, pelo esforço da mão de obra escrava. Foram abertos, também, tortuosos caminhos e ladeiras, além de rampas e escadarias que possibilitariam, ao longo da encosta, as rotas para o percurso da população, inclusive, dos homens de negócios. Obtinha-se, desse modo, o resultado necessário ao primeiro sistema de circulação e transporte de pessoas e mercadorias na Salvador do século XVI.

A urbanização das ladeiras da encosta já era prevista por Luís Dias no século XVI, conforme Silva (1953, p. 117) discorre: “Esta nossa Salvador foi e será sempre, por injunção topográfica, uma cidade de ladeiras e, em consequência de elevadores [...] muitas casas podem fazer nestas ladeiras se isto houver de ir adiante”.

Da sua fundação até os dias atuais, a cidade passou por diversas fases históricas tendo sido, inclusive, chamada de Bahia até pelos moradores do próprio estado. Também já recebeu alguns epítetos, como o de "Capital da Alegria", devido aos enormes festejos populares como o carnaval, e "Roma Negra", por ser considerada a metrópole com maior percentual de negros localizada fora da África.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada em 2014 era de 2.902.927 pessoas, sendo o município mais populoso do Nordeste, o terceiro mais populoso do Brasil e o oitavo da América Latina.

No século XXI a cidade se caracteriza pela modernização baseada em aspectos do progresso, circulação e estética. Várias transformações físicas ocorreram, descaracterizando partes da cidade, como demolições parciais de edificações, abertura e

alargamento de ruas, nivelamento de ladeiras e reforma de casas térreas, que foram transformadas em sobrados e prédios altos.

Não obstante, percebe-se que a cidade moderna acentuou seu papel enquanto *locus* da reprodução econômica, sem deixar de ser o espaço social. Cada vez mais, os espaços na/da cidade são alterados para atender essa lógica, que não é nova, mas que apresenta uma roupagem atualizada, um simulacro moderno.

Atendendo a essa nova perspectiva a cidade foi dividida por Regiões Administrativas (RAs), pelo Decreto Municipal nº 7.791/87. Posteriormente, em 2008, com advento da Lei nº 7.400/2008, relativa ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), consolidou-se as divisões atuais das RAs em 18 Regiões Administrativas, as quais são: RA I - Centro, RA II – Itapagipe; RA III - São Caetano; RA IV - Liberdade; RA V - Brotas; RA VI - Barra; RA VII - Rio Vermelho; RA VIII - Pituba/Costa Azul; RA IX - Boca do Rio/Patamares; RA X - Itapuã; RA XI - Cabula; RA XII - Tancredo Neves; RA XIII - Pau da Lima; RA XIV - Cajazeiras; RA XV - Ipitanga; RA XVI - Valéria; RA XVII - Subúrbios Ferroviários e a RA XVIII - Ilhas de Maré e dos Frades.

Neste trabalho, analisa-se a motivação toponímica presente na nomeação das ladeiras situadas no do Centro Histórico de Salvador, figura integrante da Região Administrativa I (RA I).

Imagem 2: Mapa da Região Administrativa I (RA I) Centro.



Fonte: Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS)

2 Centro histórico de Salvador e as ladeiras

“Ladeiras que só interessam a ti e a mim

*Eu subo e descubro
Que a vida é feito ladeiras
No seu sobe e desce contínuo
Princípio e o fim”
Alceu Valença*

O Centro Histórico da Cidade de Salvador está localizado entre a Praça Municipal, onde se encontra o elevador Lacerda e o Largo do São Francisco. É tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1985, pois preserva construções do período colonial. São sobrados, solares, palacetes, igrejas e conventos construídos nos estilos ibérico e barroco, que foram restaurados, mas mantendo suas características arquitetônicas originais.

Para o conhecer é necessário percorrer as ruas e Ladeiras a pé. É desse modo que os visitantes reconhecem os estilos arquitetônicos renascentista e barroco, as igrejas centenárias, os museus e os fortes, a exemplo do Terreiro de Jesus, onde se instalaram os jesuítas que chegaram à Bahia e onde foi instalada a primeira faculdade de medicina do país.

O Centro Histórico da cidade de Salvador apresenta grupos de construções e espaços que permitem a leitura do modelo das cidades fundadas pelos portugueses no além mar.

Os limites da primeira cidade, morfologicamente planejada e ortogonal; a sua expansão, de características menos rigorosas, formada por ruas constituídas por um casario uniforme, entremeado por conjuntos de arquitetura monumental; e, principalmente, a distinção entre a cidade alta e a cidade baixa, garantem a identificação de uma paisagem herdada do período colonial. O sítio patrimônio é caracterizado pela fiel representação do plano típico de cidade do século XVI, cuja densidade de monumentos e a homogeneidade de suas construções, implantadas em um terreno acidentado, revelam a presença das ladeiras, permitindo aos andarilhos, caminhadas ascendentes e descendentes e uma visão local de incomparável beleza.

A singularidade do Centro Histórico de Salvador, em grande parte, é devida à distinção na sua estrutura urbana entre as cidades alta e baixa que, mantida ao longo dos séculos, individualiza o lugar. Composta por diversos espaços públicos de Salvador

como Praça Municipal, Terreiro de Jesus, Caminho de São Francisco, Largo do Pelourinho, Largo de Santo Antônio e Largo do Boqueirão e, também, dos particulares traçados de suas ruas, ladeiras e becos, Salvador forma um dos mais ricos conjuntos urbanos de origem portuguesa. Os sobrados de dois ou mais andares e as soluções de implantação em terrenos acidentados são exemplos típicos da cultura lusitana.

No século XVII foram construídos diversas edificações, entre as quais: a Igreja dos Jesuítas, hoje Catedral de Salvador, a Igreja e Convento de São Francisco, a Igreja do Carmo; a Igreja e Convento de Santa Teresa, atualmente o mais importante museu de arte sacra do país, a Igreja e Mosteiro de São Bento, a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco e o Palácio do Governador.

A construção das ladeiras foi prevista desde os primórdios da fundação da cidade de Salvador, quando se enfrentou problemas de ligação entre a cidade Alta e Baixa, separados por um desnível que chega, em alguns trechos, a 100 metros. Isto, provavelmente, se deve ao fato de a cidade ser planejada para ser uma fortaleza, um complexo militar-urbano. Este posicionamento implicava a necessidade de superar o desnível existente entre a parte alta e baixa, até então limitada à praia da Ribeira, na cidade baixa, e, na parte alta, a praça, com meia dúzia de ruas (DÓREA, 2006, 56). Logo de início, recorreram-se às ladeiras, onde se registrava intenso movimento de pessoas e cargas.

[...] sair de casa, nas cidades brasileiras dos princípios do século XIX, tinha o seu quê de aventura. Tudo escuro; becos estreitos; poças de lama; “tigres” estourados no meio da rua; bicho morto. Na Bahia, [...] ladeiras por onde o pé escorregando em alguma casca de fruta podre, a pessoa corria o risco de ir espapaçar-se nas pedras e até perder-se em despenhadeiros. De modo que o prudente era sair-se com um escravo, levando uma luz de azeite de peixe que alumiasse o caminho, a rua esburacada (FREYRE, 1968, v. 1, p. 40).

Dialeticamente, esses espaços ou estruturas trazem em seu bojo uma dinâmica determinada e determinante, na mesma medida em que sofrem influências e, portanto, modificações de seus atores, devendo ser entendidos e relacionados no conjunto social. Ademais, segundo Bourdieu (1997), os acidentes geográficos são espaços de sociabilidade e elementos profundamente ligados à memória social.

Merece ser destacado que o desenvolvimento da cidade de Salvador se deu em função da sua topografia e da falha geológica, anteriormente evidenciada, sendo caracterizada por suas subidas e descidas.

Os habitantes subiam as ladeiras, lenta e penosamente, ou alugavam na parte baixa da ladeira da misericórdia um cavalo, que, pela quantia de 80 réis, conduzia o transeunte até a Praça do Palácio, onde, logo que se apeava o cavaleiro, o animal voltava por si mesmo, pelo costume de fazer somente aquela viagem. (AMARAL, 1911, p. 69)

Salazar-Quijada (1985, p.33) leva em consideração a dimensão histórica do topônimo. Para ele, por meio dos estudos toponímicos pode-se reconstruir a vida de um povo: sua cultura, seus movimentos migratórios, aspectos linguísticos, aspectos da vida social e espiritual das pessoas que habitam ou habitaram uma determinada região.

Sob essa ótica, pode-se afirmar que as ladeiras do Centro Histórico revelam a história da cidade que nasceu no alto, para ser fortificada. Elas eram, também, os acessos primordiais para a condução de material de construção, alimentos e outros tipos de produtos. Posteriormente, foi instalado o Guindaste dos Padres, que ajudou bastante na recepção de mercadorias pesadas vindas do porto, iniciando a expansão da cidade.

3 Análise Toponímica

Esta seção traz a descrição e análise dos topônimos que designam as ladeiras do Centro Histórico da Cidade de Salvador, considerando, além dos aspectos linguísticos, breves alusões aos aspectos históricos e culturais do lugar. Os topônimos selecionados estão organizados em quadro resumido que auxiliarão na quantificação e classificação toponímica.

| LADEIRAS SITUADAS NO CENTRO HISTÓRICO DO SALVADOR | | |
|--|--|---|
| Topônimo/Taxionomia | Etimologia | Motivação Toponímica |
| Ladeira da Praça | Do latim PLATEA, “ rua larga, local para | A Praça Municipal durante muito tempo foi conhecida simplesmente como “a praça” por ser a única da cidade. O trecho aladeirado que dá acesso à praça passou a se chamar |

| | | |
|---|--|---|
| Sociotopônimo | reuniões públicas”. | Ladeira da Praça. |
| Ladeira da Barroquinha Litotopônimo | De origem pré-romana. Dim. de barroca, ‘monte de barro’. | Barroquinha é o diminutivo de Barroca. Compreende por barroca uma escavação feita pela própria natureza por ação da água corrente e impetuosa, também chamada, por muitos, de barranco. Segundo Dorea (2006), esse designativo foi incorporado no século XVIII, refletindo a realidade do povo, “que se referia às águas que, na estação chuvosa, ali mansamente faziam seu trabalho de erosão, escavando o terreno quando escorria das Hortas de São Bento” (DOREA, 2006, p. 223). Conhecida, também, como Ladeira do Couro. |
| Ladeira da Misericórdia Hierotopônimo | Do latim. misericordia, de misericors-dis, miser + cor –dis ‘coração’. | Considerado um dos topônimos mais antigos em uso na cidade. Na época em que Tomé de Souza iniciou as obras de construção de Salvador era o caminho localizado ao norte da Praça do Palácio, e por ele subiam carros, transportando mercadorias oriundas da praia (DÓREA, 2006, p. 88) O batismo “ladeira da misericórdia” se deve pela presença, desde os primeiros tempos da fundação de Salvador, da igreja e hospital da Santa Casa de Misericórdia. |
| Ladeira da Montanha Geomorfotopônimo | Do latim Montaneus, “relativo a uma elevação”, de Mons, “montanha” | Mais conhecida pelo nome popular, a Ladeira da Montanha foi oficialmente intitulada de Barão Homem de Melo, em referência ao então presidente da província, que solicitou a construção. A Ladeira foi escavada na rocha, com extensão de 661,9 metros. As encostas da Ladeira da Montanha além do referencial histórico, guardam muito da memória sócio antropológica da cidade. As famosas “casas de tolerância” do passado apesar da triste condição social de seus moradores, eram recantos de boemias da velha Bahia. Os casarões que abrigavam “mulheres da vida” em tempos passados foram verdadeiros espaços democráticos, já que recebiam pessoas de todas as classes sociais (DÓREA, 2006, p. 228) |

| | | |
|---|---|---|
| <p>Ladeira da Ordem 3ª do São Francisco</p> <p>Hierotopônimo</p> | <p>Do latim <i>Ordo Franciscanus Sæcularis</i> é a atual denominação da Venerável Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis.</p> | <p>A Ordem Terceira Franciscana chegou ao Brasil entre 1555 e 1557. Foi fundada em 1635, por Frei Cosme de S. Damião, inicialmente, com sede no Convento de São Francisco.</p> <p>A sua nomeação deve-se ao fato de se iniciar ao lado da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco</p> |
| <p>Ladeira de São Miguel</p> <p>Hagiotopônimo</p> | <p>Do Hebraico <i>Michael</i> = quem é como Deus.</p> | <p>Igreja de São Miguel, no Centro Histórico de Salvador, foi construída de 1725 a 1732.</p> <p>O nome da ladeira está relacionado à igreja do Santo do mesmo nome.</p> |
| <p>Ladeira do Ferrão</p> <p>Antropotopônimo</p> | <p>Do Latim <i>ferrum</i>, “ferro”, pois este metal se presta para fazer instrumentos aguçados. ‘aumentativo de ferro’</p> | <p>O palacete do Ferrão foi construído no período de 1690-1701, conforme a data gravadas nas suas portas. O solar era o principal imóvel daquela via. Foi propriedade e residência do coronel Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, o Conde dos Arcos, entre 1793 e 1814. Desse sobrenome de família originou-se o batismo da ladeira onde o imóvel está situado.</p> |
| <p>Ladeira do Taboão</p> <p>Ergotopônimo</p> | <p>Do latim <i>tabula</i> ‘tábua’ + ão = tabuão ‘aumentativo de tábua’</p> | <p>Segundo relato de Lizir Alves (2008, p. 211), o nome da ladeira teria vindo em referência a uma ponte que existia no local. As grandes tábuas que sustentavam a obra eram chamadas de tabuões pelos moradores e após o aterramento do rio das Tripas, a região ficou conhecida como Tabuão.</p> <p>A ladeira do Taboão, ou Tabuão, como era originalmente chamada, faz limite com o Pelourinho, o Santo Antônio Além do Carmo e a Avenida José Joaquim Seabra, popularmente conhecida como Baixa dos Sapateiros.</p> |
| <p>Ladeira do Carmo</p> <p>Hierotopônimo</p> | <p>Do hebraico Carmo ‘vinha’, este nome nos remete ao Monte do Carmo ou Monte Carmelo, famosa</p> | <p>Interliga a escadaria do Passo, localizada no Centro Histórico, a meio caminho entre o Pelourinho e o Carmo. A escadaria liga duas ruas estreitas (Ladeira do Carmo e Rua do Passo) do Centro Histórico e leva até a porta da Igreja do Santíssimo Sacramento. A Rua do Passo (fechada desde 2004). O ambiente foi o principal cenário do filme de Anselmo Duarte, em 1962, e da minissérie de tevê (Rede Globo, 1988), <i>O Pagador de</i></p> |

| | | |
|--|--|---|
| | montanha na Palestina em Israel, onde o profeta Elias se refugiou. | <i>Promessas.</i> A nomeação foi motivada pela presença da Igreja do Carmo |
|--|--|---|

Considerações Finais

Neste estudo percebe-se que, na maioria dos topônimos analisados, a nomeação está relacionada com o simbolismo religioso advindo de entes divinos, evidenciando o comprometimento do Reino com a manutenção da fé católica.

Salvador, a cidade da Bahia, terra da alegria, de grandes belezas, inspiração de muitos poetas, autores e compositores que cantam em verso e prosa seus encantos e mistérios. É uma cidade que atrai quem a visita e se revela através dos nomes de suas ruas, ladeiras, largos, avenidas, bairros, praças, becos e vielas, seduzindo moradores e visitantes. Cada logradouro conta uma história, que se transporta para o passado e no presente revela emoções que só quem transita pela cidade pode sentir.

No sobe e desce das ladeiras, consideradas as artérias pulsantes do coração da cidade, é possível constatar a importância histórica e contemporânea desses acidentes geográficos presentes em toda capital baiana. É possível, também, identificar na Salvador do século XXI marcas, heranças e legados dos séculos passados, convivendo com as novas formas e tecnologias produzidas pela sociedade contemporânea. Mas as ladeiras permanecem fundamentais no cotidiano da Cidade de São Salvador da Bahia.

As ladeiras da cidade do Salvador são linhas que interligam diversos pontos da cidade, unindo-os num todo, onde, ao longo do tempo, seus moradores deixaram a sua marca e sua identidade cultural. As ladeiras do centro Histórico, objeto desse trabalho, refletem a trama do tecido urbano histórico, tanto no nível físico quanto cultural, transmitida de geração em geração, que, de certa forma, personificou a cultura urbana da cidade.

Referências

AMARAL, B. H. do. *A fundação da Bahia*. Revista do Instituto Geográfico e histórico da Bahia n. 36, Salvador, 1911.

BIDERMAN, M. T. C. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, 2. ed. Campo Grande, Ed. UFMG, 2001.

BOURDIEU, P. *É Possível um ato desinteressado?* In *Razões Práticas*, Campinas/Sp: Papirus, 1997.

COELHO FILHO, L. W. *A fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2004.

DICK, M. V. P. A. *Toponímia e antroponímia do Brasil: coletânea de estudos*. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. *Toponímia brasileira: os estudos que faltam. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

DRUMOND, C. *Contribuição do Bororo à toponímia brasileira*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1965.

DÓREA, L. E. *Histórias de Salvador nos nomes das suas ruas*. Salvador: EDUFBA, 2006.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.1 383.

FREYRE, G. *Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968. 2 v.

LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. 4. ed. São Paulo : Brasiliense, 1991.

MATOS, H. *Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA*. Tese de Doutorado, UFC, 2014.

TAVARES, L. H. D. *História da Bahia*. Centro Editorial e Didático da UFBA, Salvador, 1974.

MATTOSO, K. de Q. *Família e Sociedade na Bahia do Século XIX*. Tradução: James Amado. São Paulo: Corrupio; Brasília: CNPq, 1988.

SALAZAR-QUIJADA, A. *La toponímia em Venezuela*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.

SALVADOR. *Guia do Turista*. Disponível em: <http://www.guiadoturista.net/bahia/salvador.html> Acesso em: 10 maio 2015.

SILVA, A. D. *A Cidade D'El-Rei (Aspectos Seculares)*. Salvador: Diretoria do Arquivo, Divulgação e Estatística da Prefeitura Municipal do Salvador, 1953.

TORRES, C. *Vultos, Fatos e Coisas da Bahia*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1950.